

Poluição: Brazlândia ameaça o Sistema Descoberto

*Numa série de duas reportagens,
o "CB" apresenta as principais
necessidades de uma comunidade
relegada carentemente
esquecida, colhendo os frutos
sazonados do abandono*

Fotos: José Vieira



Brazlândia no Ano Internacional da Criança

Em um de seus pronunciamentos, já como Governador indicado, Aimé Alcibíades Lamaison teceu referências sobre a atenção que daria às satélites, especificamente Ceilândia e Brazlândia. Oportunidade em que, disse de sua preocupação em dotar aquelas comunidades de melhores condições de desenvolvimento, urbanização e infra-estrutura. Nessa atenção o futuro chefe do executivo de Brasília encontrará duas satélites que se entrecrocaram com problemas similares e opostos entre si, ao tempo que, contrariando a primeira impressão desavisada, eles se tornam mais graves, na cidade menor; Brazlândia.

O termo de comparação entre as duas satélites é como linhas paralelas referenciais que se equidistam pela natureza dos seus problemas vitais. Brazlândia é uma comunidade que existia muito antes do Distrito Federal se transferir para o planalto central. Pertencia ao Estado de Goiás e conta atualmente com 45 anos, sendo ao lado de Planaltina, uma satélite "arrumada", como aproveitamento de sua existência anterior e conse-

quente tradição histórica.

Há oito anos, aproximadamente, uma erradicação - a exemplo da Ceilândia - deu origem ao seu incremento populacional. A chamada favela do vietcong, às margens da rodovia para Padre Bernardo, em terras pertencentes ao Incra. A então pequena comunidade, recebeu os alienados sociais de Taguatinga, esses mesmos alienados que foram e estão sendo responsáveis pelo aumento do índice populacional e pelo desenvolvimento que Brazlândia conseguiu atingir. Da única rua de setor tradicional, a cidade se agigantou e hoje conta com quase quarenta quadras residenciais, uma rodoviária, uma central telefônica, várias escolas para primeiro e segundo grau - inclusive escola normal - uma biblioteca, um centro comunitário, um hospital, um estádio de futebol, uma delegacia policial e um prédio feito para o fórum local, além é claro, de seu inoperante, conquanto existente Centro de Desenvolvimento Social, e de uma agência bancária, o mais recente benefício para a população.

O LADO NEGATIVO

Tais organismos que vieram dotar aquela satélite de equipamentos comunitários, deve-se em grande parte ao papel desenvolvido pela imprensa - notadamente o CB, que manteve durante mais de um ano uma coluna sob o título Notícias de Brazlândia - e que solicitou para os habitantes da cidade essa série de benefícios. Foi a crítica construindo, incentivando e reforçando o desenvolvimento daquele pequeno núcleo habitacional. A partir de então, a criação desses equipamentos e inclusive de uma associação comercial que viesse representar o fraco comércio existente, reivindicando uma série de melhorias urbanas. Inúmeras dificuldades vem enfrentando a ACIBRAZ em sua luta pelo desenvolvimento comercial e industrial. A maioria dos estabelecimentos que se dedicam ao comércio, são de fraco movimento, em precários barracos de madeira, destituídos de qualquer regularização oficial.

Em um ano, somente quatro quadras foram regularizadas pela Terracap, apesar de manter uma

representação local com três funcionários. Tal demora vem atrapalhando grandemente o carente desenvolvimento da cidade. Em 76, o "balneário" de Brazlândia foi fechado e com esse fechamento, o laço final sobre a única forma de lazer para a comunidade. A imprensa gritou fazendo eco com os moradores. Promoveu-se então a construção de um centro comunitário. Nome pomposo para designar um prédio com salão para realização de bailes, somente promovidos por elementos particulares que estão faturando com "aval" da Administração Regional, sem nenhuma contribuição social ou comunitária. O centro que poderia servir para ajuda às associações locais, num tremendo desrespeito à própria cidade, continua fechado e quando os bailes se realizam, a chancela é oficial e a renda é uma incógnita. Agora a cidade se estremece pela entrega do salão ao SESI, que nada tem de comum com seus habitantes.

A LAGOA

A água que chega às torneiras, quando chove, vem em formato de lama. Algumas - como foi o caso de Elias Silva, presidente do Sin-

dicato dos Barbeiros do DF - chegam a entupir com pedaços de sapo e outros detritos incomuns. O açude que serve à cidade, sem nenhuma proteção, contém uma represa tipo rural, das que se encontram nas fazendas, destinada a bebedouro de gado. Lá se encontram, ainda, uma pequena caixa d'água de mil litros com uma torneira jogando clorocal para uma caixa menor, que por sua vez, derrama-se pela tubulação geral de saída. Na Rodoviária da cidade, além do feio aspecto, o mau cheiro é insuportável pelos esgotos que se derramam em pleno passeio público e que vem gerando sérias críticas dos comerciantes locais.

A lagoa - que foi construída em detrimento das necessidades mais básicas da comunidade - ficou em torno de 3 milhões de cruzeiros, para simplesmente ajudar a poluir o Sistema Descoberto, o maior da América Latina. Ela serve de recolhadora para uma torrente de águas pluviais, quando chove, e um permanente receptáculo para o "córrego" de fezes do Hospital Regional da cidade, num volume aproximado de 500 litros para cada 10 minutos. O índice de

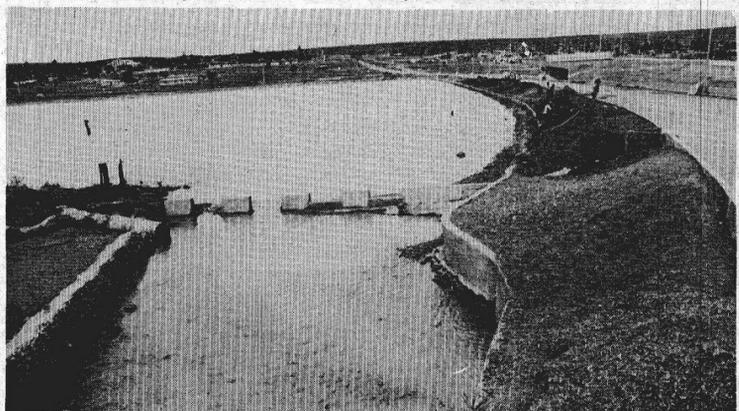
poluição das águas potáveis da Represa, inaugurada na última quinta-feira, chega ser estorrecedor: cerca de três mil litros de líquido putrefato são derramados na lagoa de Brazlândia que, por sua vez, deságua no córrego Verdinha, afluente do Sistema Descoberto, disseminando essa impureza tremenda para todas as satélites servidas pelo novo sistema de abastecimento. E o problema não é novo, há um ano e seis meses foi denunciado à Administração da cidade, à Caesb, à Secretaria de Saúde, e o crime contra a saúde pública continuou por todo esse tempo, num crescimento incrível. Por ironia, o próprio GDF está movendo um processo de desapropriação para mais de 80 chacareiros da região, acusando-os de poluição das águas do lago do Incra, Núcleo Alexandre Gusmão, por intermédio de defensivos que colocam em suas plantações. Defensivos estes que são absorvidos pelo próprio solo, antes mesmo de chegar às águas aludidas.

Há aproximadamente um ano, o CB publicou matéria sobre o assunto do esgoto estourado em uma página inteira. Criou-se a briga de competência, a solução de grande emergência não foi tomada e até hoje as crianças, em sua inocência, alheias ao perigo da contaminação, brincam no extenso córrego que se formou e se espalhou desde os fundos do Hospital, passando por uma grande área cercada, da Administração da cidade - que preferiu se omitir de qualquer providência em benefício comunitário, como continuação ao abandono administrativo a que a cidade ficou entregue durante a gestão que felizmente - dizem os habitantes - deverá terminar no próximo mês. O "córrego de excremento" passa também por detrás da residência oficial do administrador, desce pelas quadras 25, 24 e 23 do setor tradicional. As reclamações são inúmeras sobre vários outros aspectos de Brazlândia, negativamente uma comunidade que só deseja desenvolver-se e crescer em paz. Na próxima semana, publicaremos os depoimentos dos líderes empresariais, comerciantes e moradores sobre o abandono a que a cidade se encontra e que eles estão repudiando. Seus habitantes pedem simplesmente uma coisa: maior atenção administrativa no novo governo: Brazlândia também é DF!

Roberto Siqueira



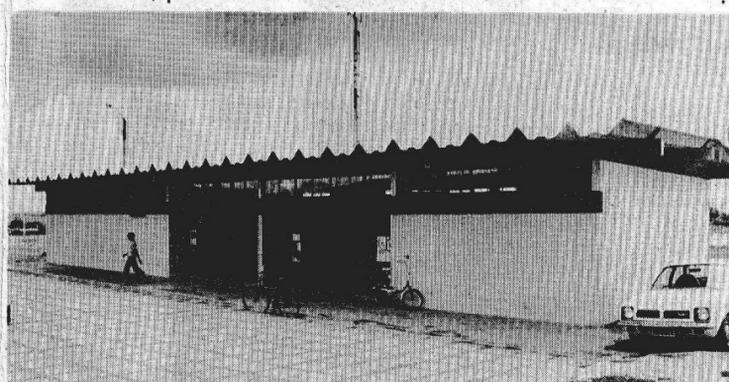
Daqui saem os excrementos que banham a cidade



O sepulcro de três milhões



Geraldo Sol: já recebemos as lojas com os esgotos ruins. Ninguém se importa com nada, é um abandono tremendo. Tenho que pagar 700 cruzeiros todo trimestre para limpar o esgoto



BRB: um prédio decorativo para os comerciantes da cidade



Única delegacia em todo DF a permanecer de madeira